

Arredenção
de LAZARO



Solicite nosso catálogo completo, com mais de 350 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita - iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Edição e distribuição

EDITORA EME

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari-SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 9 9983-2575 📞 | Claro (19) 9 9317-2800

vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

DINEU DE PAULA
(PELO ESPÍRITO INÁCIO)

Arredenção
de
um LAZARO

Capivari-SP
- 2019 -

© 2019 Dineu de Paula

Os direitos autorais desta obra são de exclusividade do autor.

A Editora EME mantém o Centro Espírita “Mensagem de Esperança” e patrocina, junto com outras empresas, instituições de atendimento social de Capivari-SP.

1ª edição - outubro/2019 - 5.000 exemplares

CAPA | André Stenico

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO | Marco Melo

REVISÃO | Letícia Rodrigues de Camargo

Ficha catalográfica

Inácio (Espírito)

A redenção de um lázaro / pelo espírito Inácio; [psicografado por] Dineu de Paula - 1ª ed. out. 2019 - Capivari-SP: Editora EME.

320 pág.

ISBN 978-85-9544-126-2

1. Espiritismo. 2. Intercâmbio espiritual. 3. Mediunidade.

I. TÍTULO.

CDD 133.9

SUMÁRIO



Prefácio	9
Prólogo.....	11
Mosteiro.....	13
Primo Tiago.....	23
A vida na fazenda	29
Rosa	35
A doença.....	43
O inesperado.....	49
A volta do filho pródigo.....	59
Dom Hernani	73
O casamento.....	79
Visita aos pais	85
Gravidez ou doença?	93
Após o parto	103
De volta para casa	115
Lucas e a vida no mosteiro	123
O resgate de Lucas	133
O destino de Lucas e Alberto	147
A Santa Inquisição	155
O julgamento	163

Peregrinação por igrejas.....	171
Novo emprego.....	181
Estância dona Ana	187
Hospedando padre Manoel.....	199
A conduta de Matias.....	209
Dona Mercedes, a curandeira.....	221
As visitas de Matias	233
A volta de João Cristiano	241
A cura de Angélica.....	253
Nova fuga.....	261
A vizinhança	269
Comportamento suspeito de Ester	277
A doença contagiosa.....	285
O barracão	295
Os ensinamentos de Jesus.....	303
A redenção	311

*Para minha mãe, dona Zulmira, a pessoa mais forte que conheço,
com admiração e afeto.*

PREFÁCIO



TRATA-SE DE NARRATIVA emocionante de história transcorrida na Espanha no final do século XIV e início do século XV, quando, atendendo a interesses políticos e religiosos escusos e vergonhosos, a Inquisição surgiu com toda força nesse país.

Esse ambiente sombrio, pesado e difícil serviu de estímulo para que nosso amigo Inácio fizesse reflexões e tomasse decisões que iriam mudar sua vida, vivenciando oportunidades de se encontrar e principalmente encontrar o amado mestre Jesus dentro de si.

Dolorosas experiências forjaram em seu imo valores que o levaram a entender o verdadeiro significado do amor. Aprendeu que o caminho da redenção é árduo, porém traz a paz, tesouro almejado por todos.

A leitura dessa narrativa seguramente proporcionará ao leitor oportunidade de reflexão e consideração sobre o que realmente é importante na vida.

Espírito Irmão Justus, pela médium Ilda Garcia Kolling.

PRÓLOGO



EU ME ENVOLVIA em um amplo manto para seguir aquele homem.

A mando dos sacerdotes, eu o acompanhava discretamente em suas movimentações.

Dissimulado e muito bem pago, deveria reunir elementos para perdê-lo.

Fazia anotações do que ouvia, procurando detalhes comprometedores.

Via-o e ouvia-o nas praças e nos descampados.

E gradualmente a magia daquele homem ia exercendo seu fascínio sobre mim.

Era como um encanto a que eu procurava resistir: seu sorriso, suas tiradas sábias, seu semblante sereno, o céu que havia em seus olhos...

Eu sofria ao ouvi-lo, pois ia ficando com a alma desnuda, ciente de minhas misérias.

Ah, o encanto daqueles eventos, quantos espetáculos grandiosos!

Como não se espantar, como não amar aquele homem?

Verbo terrível, luminoso, que desvendava as consciências.

A indiferença era impossível: era preciso amá-lo ou odiá-lo, em sua grandeza.

Mas amá-lo não era um ato inconsequente: trazia perdas imediatas demais, com uma recompensa longínqua.

Eu gostava de minhas vantagens, de meus prazeres e corrupção.

Poderia me sujeitar às punições e ao desvalimento em homenagem ao ideal que entrevia naquele semblante?

Eu nem o entendia direito, era antes fascinado por sua presença majestosa e serena.

Ah, aqueles olhos!

Mais de uma vez pensei vê-los cravados em mim e me senti desnudo e pequeno, em minha mesquinharia.

Infelizmente para mim, tentei resistir ao encanto do homem sublime da Galileia.

Mal sabia que esse encanto perduraria por séculos como um desassossego, uma ardência, um chamado...

Ele me mostrou o céu e eu preferi o inferno de minha consciência então leviana e corrupta.

Fiz o meu trabalho sujo, entreguei meus escritos.

Segui-o envergonhado ainda um tempo.

Acabei me convencendo de que era um louco, um perversor dos costumes, que poria a perder nossa civilização.

Contudo, não suportei acompanhar os lances finais.

Com meus lucros, afastei-me para conviver com o desassossego de minha consciência.

Resisti muito ao encanto daquele olhar, que persistiu como uma imagem em meu coração.

Rebelei-me com o convite ao desprendimento, tive raiva de quem tentou segui-lo de forma indigna.

Esta é a história do que precisei viver para finalmente aceitar o encanto, render-me a ele, deixar que me libertasse e transformasse.

Ainda hoje mantenho meu manto, isso para que eu sempre recorde a oportunidade luminosa que passou por mim.

Séculos correram até eu aceitá-la.

MOSTEIRO



COMO SEMPRE, EU acordei muito cedo. Embora fosse muito jovem, contando apenas 17 anos, tinha imensa dificuldade para dormir. Meu sono costumava ser leve e torturado. Era como se eu fugisse de algo que dormitava em meu íntimo.

Levantei-me antes de todos e saí para o jardim que minha mãe mantinha bem-cuidado. Aquele era o recanto favorito dela, o seu tesouro precioso. Dona Jandira cultivava flores que depositava religiosamente em frente a uma imagem da Virgem.

A religiosidade de minha família era impressionante, meus pais e irmãos eram todos devotos de algum santo. Naquela casa, orava-se longa e fervorosamente, faziam-se jejuns e penitências.

Enquanto eu tinha uma dificuldade imensa com tudo o que se referia à religião.

Ao ver as flores e pensar no destino que uma boa parte delas teria, lembrei que era domingo e senti um intenso desassossego. Era dia de ir à missa e logo todos se levantariam.

Durante muito tempo, tentei me furtar aos compromissos religiosos de minha família, sem o menor sucesso. De olho em mim, meu devoto pai estava decidido a não ter nenhum filho

herege. Era com fervor especial que me conduzia pelo caminho que entendia ser o correto.

Ah, quão grande era meu desconforto com tudo aquilo! Detestava as ladainhas, achava-as um despropósito. Não gostava de imagens de santos e em especial tinha uma intolerância pela figura de Jesus crucificado. Parecia-me tudo uma lenda muito irritante. Um homem com os poderes que o Evangelho lhe atribuía jamais poderia ter sido rendido. Aliás, nem poderia ter existido. Era uma lenda, seguramente, mas uma lenda que me irritava.

Durante as missas, padre Afonso falava com entusiasmo dos feitos de Jesus, do significado de seus sofrimentos junto aos homens. Então, eu sentia vontade de gritar e de sair correndo. Era uma espécie de fobia que me acometia.

Eu era severo e intolerante, em especial com qualquer pessoa que se afirmasse religiosa.

Isso era um problema, pois, na Espanha da época, quem não era religioso?

Eu assumia o feio papel de censor da vida alheia, na suposição de que quem aceitasse todas aquelas lendas como verdadeiras deveria ter uma conduta angelical.

Não entendia que a angelitude é uma construção lenta. Primeiro, é preciso apaixonar-se pelo ideal, buscá-lo por entre as fraquezas humanas, para lentamente consolidá-lo.

Assim, naquela manhã de domingo eu procurei um motivo para fugir do inevitável compromisso: ir à igreja. Sabia que nada daria certo. No máximo, eu terminaria levando uma sova de dom Hernani, meu devotíssimo pai.

Pouco a pouco, conformei-me com a perspectiva de passar um tempo que me pareceria interminável dentro da igreja, ouvindo cânticos, ladainhas e o sermão.

Da parte artística eu até gostava, mas me irritava com as orações repetidas, que pareciam um despropósito. Contudo, sofria

mesmo era com a leitura do Evangelho, quando a figura do Cristo parecia surgir em minha mente e crescer, poderosa, incompreensível e, a meu sentir, fantasiosa.

Aguardei que a família acordasse, como se estivesse em vias de ir para a forca. Já tinha decidido, em meu coração: quando pudesse me mandar, seria ateu. Eu detestava carolice!

Esse intento era tão firme que eu começara a trabalhar muito cedo. Se meu pai descobrisse o motivo pelo qual eu era tão interessado em negócios, ficaria imensamente triste. Eu queria sair da casa dele, da tutela poderosa que exercia sobre os filhos, para nunca mais ouvir falar em religião.

O movimento da cozinha finalmente chamou minha atenção e me dirigi para lá, tentando colocar um sorriso no rosto. Não conseguia entender por que sofria tanto ao ir à igreja. Deveria ser tranquilo, banal, como uma visita a tios velhos de quem não se gosta muito.

A união das famílias espanholas tornava essas visitas desinteressantes muito comuns, e eu a elas me submetia com tranquilidade.

Mas ir à igreja, ah, que suplício...

Com o tempo convenci-me de que era inteligente demais para acreditar em todas aquelas fantasias, que constituíam a muleta de fracos.

Contudo, meus pais eram tudo, menos fracos. Dona Jandira, minha mãe, era senhora de fibra, que criara os filhos dando provas das mais altas qualidades morais. Tudo a credenciava ao respeito e à admiração, salvo a religião, pensava eu.

Quanto a meu pai, era um comerciante íntegro e severo, escrupuloso nas contas, honesto com os empregados, respeitado por clientes e fornecedores. O epíteto de fraco não lhe assentava. Por que, então, se interessava por aquelas histórias sem sentido de homens que curavam os outros, de mortos que voltavam à vida? Eu simplesmente não entendia.

Tomei o jejum com todos e coloquei uma de minhas melhores roupas, cuidando para não demonstrar desagrado. Todo domingo, eu sentia o olhar de meu pai sobre mim, disposto a admoestar o menor sinal de contrariedade com o que entendia ser o compromisso mais importante da semana.

Ah, que cansaço! Só de imaginar a longa cerimônia, eu ficava tenso. Quando pensava nas orações que seriam feitas em casa durante a semana, que provavelmente seria cooptado por dom Hernani para ir com ele na novena de quarta-feira, eu queria morrer...

Pouco disposto a levar broncas e reprimendas, tentei ocultar, possivelmente sem muito sucesso, o pouco entusiasmo que tinha com aquele compromisso.

Distraí-me na ida, conversando com meus irmãos, e logo estava chegando à igreja. O costumeiro desconforto cresceu em mim. Havia uma imagem imensa de Jesus crucificado que era impossível não observar logo da entrada.

Eu sempre ficava chocado ao mirar aquele espetáculo, que me parecia de gosto duvidoso, conforme o discurso arrogante de minha mente. Talvez por não ter com quem falar, tudo aquilo crescia tanto em meu íntimo.

Malgrado meu, sentia um fascínio mórbido por aquela imagem. Não gostava de vê-la, mas ficava o tempo todo voltando para ela o olhar.

Começaram os ritos e eu me esforcei para prestar atenção, ciente do olhar de meu pai sobre mim. Era praticamente um desafio para ele tornar-me um homem religioso, e estava decidido a vencê-lo. Assim, só me restava tentar esconder meu estado íntimo.

Eu chegava a ser tomado de certo desespero no correr da cerimônia, em especial quando o momento do sermão ia se aproximando. Era certo que o padre Afonsoalaria longamente sobre aquela figura mítica e incompreensível: Jesus de Nazaré.

Finalmente, tudo terminou e pude sair da igreja, como o faz alguém que está se afogando e busca sair da água.

Ao chegar ao ar livre, experimentei uma sensação de liberdade imensa. A religião para mim era uma espécie de cárcere, ao qual minha família me prendia.

Eu gostava de todos, em especial de minha irmã Anita, também ela imensamente devota. Diariamente, ajoelhava-se em frente à imagem da Virgem. A coitada, conforme eu a chamava em minha mente, desejava se tornar freira. Era muito menina, de modo que ainda não havia colocado seu plano em prática.

Eu sabia que meus pais não se oporiam. Ao contrário, aquele projeto causava imensa alegria em todos. Menos em mim, claro. Tinha o ímpeto de bater nela, para fazê-la tomar juízo. Mas nada podia fazer.

Minha família era amorosa e decente, tinha apenas um defeito a meus olhos: aquela loucura católica.

No correr da tarde, anunciou-se uma visita: meu tio abade. Eu o achava divertido, mais do que seria possível esperar da parte de um religioso. O problema é que, sabedor de meu desconforto com tudo o que se referia à religião, ele gostava de me colocar contra a parede, pedia minha opinião sobre assuntos teológicos na frente de meus pais. Havia nele uma ponta de diversão com aquilo, enquanto eu ficava pisando em brasas. Se fosse sincero, complicaria muito minha vida, pois meu pai ficaria ainda mais atento a minhas opiniões e desejoso de modificá-las.

Fomos todos fazer sala para a visita e, após um tempo, começou o rosário de discussões teológicas que meu tio tanto amava. Eu tentei sair em silêncio, mas não tive sucesso. Ele alçou o olhar para mim e me lançou uma de suas perguntas. Não tive recurso a não ser retornar para a sala e fazer-me de sonso, dizer que não alcançava o sentido daquelas questões. Não enganava ninguém, claro, o que complicava minha vida.

Felizmente, meus pais disseram que queriam falar a sós com meu tio, de modo que eu e meus irmãos pudemos nos retirar. Os demais saíram da sala a contragosto, pois aquele tio era mesmo apreciado. Eu, contudo, respirei aliviado.

Eu sinceramente não conseguia entender por que sofria tanto. Era só não valorizar, fazer de conta que me interessava, dar algumas respostas evasivas. Mas algo em meu íntimo se rebelava imensamente à ideia de ser hipócrita em matéria religiosa. Parecia que eu me degradava ao não ser claro, não expor minhas ideias nem me expor com clareza.

Ah, como gostaria de fazer parte de uma família normal, que não se ocupasse com tanta carolice! Aceitaria de bom grado um pai vagabundo ou desonesto, desde que não precisasse ficar naquela situação.

Tudo aquilo era muito estranho e intenso para minha pouca idade. Mas eu era mesmo intenso em tudo e naquele tema em especial. A vida me parecia pesada, sofrida, praticamente um castigo.

Após o jantar, seguiu-se a conversa habitual da família, quando de repente meus pais disseram que precisavam falar comigo a sós. Fiquei apreensivo, pois aquilo não prenunciava nada de bom. Meu tio foi rápido ao dizer que passaria à sala menor com meus irmãos, enquanto eu fiquei no ambiente, temeroso do que viria.

- Inácio, meu filho, eu e sua mãe nos preocupamos muito com você.

- O que tenho feito de errado?

- Objetivamente, nada. Você estuda e trabalha, aliás trabalha mais do que seria possível esperar. Entretanto, tem o espírito livre demais em matéria de religião.

Não consegui conter um suspiro de desalento.

- O que mais querem de mim? Vou à igreja sempre que man-

dam, participo das novenas e ladainhas, não me recuso a orar o rosário. Faço as penitências e os jejuos junto com a família toda.

- Filho, o problema é que você claramente detesta tudo isso e o faz com ar desgostoso, como se estivesse sendo condenado à morte.

- Então, deixem-me em paz. Não sou bandido, não roubo nem mato ninguém. Estudo, trabalho, cuido de todos os meus deveres. Isso deveria bastar!

- Não basta e você sabe disso. De que adianta o homem ganhar tudo e perder sua alma?

- Não estou perdendo minha alma!

- Mas corre o sério risco de perdê-la. Ainda hoje eu prestei muita atenção em você durante a missa. Parecia que estava no inferno, com o perdão da heresia, e não em um templo sagrado, vivendo um momento santo.

- Está bem, serei sincero: eu detesto ir à igreja, detesto essas carolices todas. Só quero viver normalmente, ser alguém decente, cuidar de minha vida!

- Eu jamais admirei um filho herege e você sabe disso!

- O que fará comigo? Irá me bater, prender no porão, deixar-me passar fome, até que eu declare meu amor pela Igreja, o papa e os santos?

- Não querido - interveio minha mãe. - Eu e seu pai pensamos que você precisa perceber a essência da religião. Para isso, um período em ambiente santo lhe fará bem.

Eu arfei em desespero pelo que aquilo anunciava.

- Como assim?

- Falamos com seu tio e ele concordou em levá-lo para passar um ano no mosteiro.

Eu senti ter recebido uma sentença de morte. Minha voz saiu esganiçada.

- O quê?

- Sim, é exatamente isso. Amanhã após o almoço seu tio o levará junto, quando retornar ao mosteiro.

- Por favor, eu não posso passar um ano enclausurado!

- Não se trata de clausura.

- Mas eles rezam o tempo todo, vivem disso e para isso!

- Engano seu. Eles trabalham, estudam, discutem teologia, dedicam-se às coisas santas.

- Por favor, qualquer coisa, menos isso! Posso ir à igreja todos os dias, nunca mais reclamarei de nada, mas isso não!

- Inácio, está decidido.

Meu pai havia dado sua decisão final e nada o faria mudar de opinião.

- Prepare sua mala, que amanhã você irá com seu tio logo após o almoço. Não precisa levar muita coisa, pois se vestirá como um noviço no tempo em que permanecer no ambiente santo.

Quase desfaleci à ideia de me vestir monasticamente, de viver assim, mergulhado em carolice, durante um ano inteiro.

Lancei um olhar de desesperada súplica a minha mãe, sem êxito. Ela entendeu meu desespero, mas concordava com meu pai: minha alma estava em risco e não havia bem mais precioso do que ela. Eu precisava ser internado em ambiente santo, até que minha heresia fosse curada.

Retirei-me praticamente sem ar. Fui para meu quarto, mas não consegui permanecer nele, pois estava sufocado. À ideia de virar religioso, sentia-me desfalecer. Saí para o jardim, mas não conseguia me acalmar.

Em meu íntimo uma fúria brotava, uma espécie de ódio contra a figura do Cristo. Ele não parava de me perseguir! Era incansável, servia-se de todos os meios e modos para me aprisionar em sua teia! Eu detestava tudo aquilo, não podia, não conseguia conceber a ideia de ficar um ano inteiro respirando religião as vinte e quatro horas do dia.

Fiquei ali, com o coração oprimido e mentalmente procurando uma saída. Era como se eu fosse um condenado à morte buscando um recurso qualquer que adiasse a execução.

Pouco a pouco, uma ideia brotou em meu íntimo: eu iria fugir, escapar. Tinha um bom dinheiro guardado, fruto de meu trabalho incansável, e levaria minhas melhores roupas. Era triste deixar minha família, em especial minha doce irmã, mas eu simplesmente não podia aceitar a execução daquela sentença terrível: um ano internado em um convento.

Após tomar a decisão, senti-me tranquilizar. Tinha motivo para arrumar minha mala e deixar tudo pronto. Após, esperaria que meu irmão Lucas, com quem dividia o quarto, adormecesse, e sairia calmamente pela porta de nosso quarto, que dava para o jardim. Dali, ganharia o mundo.

Decidido, retornei para a sala, com o semblante seguramente triste, embora sereno. Minha família, toda ela já ciente do que havia ocorrido, entendeu que eu estava conformado, o que era bom para mim.

Prestei atenção em todos, observei-os em seus gestos e tons de voz, como que para guardá-los para sempre na memória. Despedi-me de todos silenciosamente. Gozei da companhia de minha família como talvez nunca na vida. Esperei que todos se retirassem. Isso não causou estranheza, ante a perspectiva de que me afastaria por longo tempo. Mas nenhum deles imaginava quão longo seria esse tempo.